

*Apresentação***LITERATURA E VELHICE:
OLHARES SOBRE O SER E O ESTAR VELHO***Marcus Antônio Assis Lima (Uesb)**Catherine Santana Souza (Uesc)**André Sampaio Viana (Uesb)*

A velhice é um marcador social recorrente na literatura; sua representação, contudo, é geralmente evidenciada de forma homogênea, como se a experiência de envelhecimento fosse tão semelhante que fizesse desaparecer as diferenças no que diz respeito a classe, gênero, etnia e religião. Por um lado, ele é um processo biológico contínuo, ou melhor, um processo contínuo de mudança biológica e biográfica; pelo outro, mais do que um objeto discreto da atenção, aqueles que estudam a idade preferem pensar em termos de “tornar-se velho”, mais do que em termos de um estado absoluto de “estar velho”. Para Simone Beauvoir, “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme, parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante” (2018, p. 10). Também é difícil, na prática, determinar e comparar categorias de idade: a idade cronológica nem sempre está alinhada com a expectativa de qualidade de saúde individual, da capacidade física ou da acuidade mental. Com uma longevidade maior, assim como uma maior fluidez nas oportunidades profissionais e nas variações das infâncias, a ideia de estágios fixos de vida deu lugar a uma concepção mais relativizada de suas fronteiras e de seus limites. Pode-se, como Simone de Beauvoir (2018) sugeriu, pensar no envelhecimento não como uma essência biológica cronológica ou qualquer coisa assim, mas como uma diferença nela própria, uma “diferença que o tempo produz” (KUNOW, 2009, p. 295).

A experiência subjetiva do envelhecimento também é particularmente difícil de capturar e de representar, muito menos dar forma narrativa convincente ao que Kathleen Woodward (1991, p. 38) descreveu como um “processo infinito de subtração das forças”. Nesse sentido, o envelhecimento seria monotonamente linear, um processo inexorável sem um arco

dramático. Por lado, no entanto, também é desconcertante e imprevisivelmente não-linear; podemos nos sentir chateados um dia, e alegre no outro, podemos nos sentir velhos aos 40 e jovens, pelo menos temporariamente, aos 70 anos. Entretanto, há uma tendência contemporânea de inverter a representação da velhice como um processo de perdas, atribuindo-a novos significados, cujas experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que possibilitariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos que não puderam se concretizar em outras etapas da vida, estabelecer relações mais efetivas com o mundo dos mais jovens e mais velhos.

Mudanças sociológicas na definição da velhice, e a experiência desconcertante que ela pode representar em primeira mão, fazem dela um ponto fascinante para a representação literária. Ela pode ser, como Kunow (2009, p. 296) afirmava, um significante altamente carregado, mesmo assim um significante opaco. A narrativa literária, por definição, ainda que de uma miríade de formas, a diferença que o termo faz, pode ser capaz de oferecer alguma elucidação, como Margaret Gullette (1988, p. 30) escreveu, quase toda a literatura nos diz como é envelhecer, “seja apenas um dia ou algumas horas mais velho”.

O que o envelhecimento significa para aqueles personagens que o vivem, qual uso dramático ou simbólico ele é colocado pelo autor, são questões que esse dossiê irá explorar: como esse envelhecimento, essa diferença, emerge na superfície do texto. O envelhecimento da literatura também pode ser um significante equívoco para o estudioso que, em certo sentido parece ser retumbantemente literal; Mike Featherstone (1995) argumentou do corpo em geral que sua tangibilidade e visibilidade são vistos para lhe dar um maior grau de realismo e indicialidade, como se o corpo tivesse escorregado sob a guarda do discurso, o corpo sendo coisas que são evidentemente o que parecem ser e isso, por si só, pode oferecer um desafio para aqueles que buscam conceitua-lo. No entanto, Kathleen Woodward (1991, p. 19) sugeriu que o corpo envelhecido na literatura, a sua distância do que deveria ser, oferece uma forma ainda mais real de realismo, em termos lacanianos, um exemplo preeminente de experiência não-mediada e de experiência não-teorizável.

Se o envelhecimento é difícil de representar quão mais difícil pode ser teorizar, e como estudos literários ou qualquer forma de gerontologia pode abordá-lo e se os escritores podem achar difícil conceituar ou mesmo representar nossa cultura, tem muito a dizer sobre isso. Há muitas expectativas culturais sobre o envelhecimento e ideias de que a velhice pode ser venerável vem dando lugar no discurso cultural a uma ladainha de perdas e exclusões (ALVES, 2016). Não buscamos nesse dossiê emular a insistência que pode ser encontrada ao contrariar essa visão sobre o envelhecimento bem-sucedido ou o envelhecimento positivo;

os ensaios aqui oferecem uma gama de perspectivas pois examinam uma gama de conceitos e representações. Tomando o pensamento de Rita Terezinha Schmidt (2017, p. 40), para quem “a obra literária não habita um mundo ideal, mas um mundo real do qual se alimenta e no qual atua, refletindo e interpenetrando o mesmo e, assim, influenciando ideias, valores e ação”, consideramos que a literatura, sendo espaço de poder, insurge contra os modelos hegemônicos ao redefinir novas perspectivas de conceber o envelhecimento.

Como Ellen Small (2007) nos alertou, toda generalização sobre envelhecimento pode ser combatida com o seu oposto: encontramos nas páginas deste dossiê a velhice identificada com o conhecimento, com declínio cognitivo, demonstrando rigidez e brincadeira como perda; e as onde os idosos figuram como recurso para tanto para preservar o futuro quanto símbolo de seu desaparecimento. Este dossiê apresenta estudiosos que buscam novas possibilidades críticas e conceituais no tratamento literário do envelhecimento, mas também visa ao chamar a atenção para como O “ageísmo” pode abrir novas preocupações e abordagens no campo dos estudos literários e linguísticos, nas histórias da idade média ou, se tem percebido, estão se tornando comuns à produção literária, como as obras recentes de Chico Buarque e Valter Hugo Mãe demonstram.

A representação da mulher velha na literatura canônica aconteceu sob o viés totalizador e universalizante que encerra a mulher em modelos que não refletem suas experiências, pois a velhice é construída socialmente e está relacionada aos diferentes contextos sociais, raciais e de classe em que o indivíduo está inserido, portanto, a velhice não pode ser considerada como uma situação homogênea. O envelhecimento consiste numa continuidade da vida, num processo construído através da infância, juventude e idade adulta e não em um período determinado.

Num importante estudo sobre o tema, Beauvoir, em *A velhice* (1990), propôs quebrar a conspiração do silêncio em torno do tratamento dispensado aos velhos pela sociedade, demonstrando que estudar a condição da velhice não é uma tarefa fácil, pois a imagem que se faz dela nas mitologias, na iconografia e na literatura, varia de acordo com os beats e os lugares. “A história, assim como a literatura, passa por eles radicalmente em silêncio. A velhice não é, numa certa medida, desvendada, senão nos seios das classes privilegiadas” (BEAUVOIR, 1990, p.111). Sobre a velhice da mulher, a filósofa conclui que, enquanto experiência pessoal, a velhice concerne tanto aos homens quanto às mulheres; embora saibamos que elas geralmente vivem mais, no entanto, quando se trata a velhice como objeto de especulação, considera-se primordialmente a condição dos machos, porque são eles que são expressos pelos livros, pelos códigos, pelas lendas.

A velhice torna-se assim um aspecto corporal que parece estar mais relacionado às mulheres, visto que a reprodução - função na qual seu corpo é encerrado - cessa com a interrupção do ciclo ovariano e da menstruação, numa idade em que ela não pode mais ser fecundada. O preconceito ao corpo envelhecido, decorre, portanto, da associação que se faz da sexualidade feminina à capacidade de reprodução. A ideia de que a velhice homogeneizaria as experiências vividas, ou que os problemas por quais os idosos passam são tão semelhantes que minimizaria as diferenças concernentes à etnicidade, classe ou raça é o que fundamenta o surgimento da gerontologia, como um campo específico de estudos, segundo Guita Debert (2012). Para a antropóloga duas grandes teorias dominaram os enfoques no centro do campo da gerontologia social, até o fim da década de 1960: a teoria da atividade e a teoria do desengajamento. A velhice, em ambas as teorias, consiste num momento de perdas de papéis sociais; nos dois casos há uma busca pela compreensão de como se dá a adaptação dos idosos a essa situação vista como perda e análise do grau de conformidade e o nível de atividade dos idosos.

Para a teoria da atividade, os idosos mais felizes seriam aqueles que encontram atividades compensatórias, permanecendo ativos, a teoria do desengajamento, contudo, enxerga no desengajamento voluntário das atividades, a base para o bom envelhecimento. Essas teorias, portanto, não eram sensíveis à situação da mulher idosa, às subjetividades inerentes ao gênero, pois consideravam a velhice de forma homogênea. Embora essas duas teorias sejam consideradas ultrapassadas, pela gerontologia, o campo atual ainda é marcado por dois modelos antagônicos de se pensar a velhice. No primeiro modelo, constrói-se uma ideia de pauperização e abandono em que o velho é submetido, e que a família seria a responsável por arcar com a situação. No segundo modelo, os idosos são apresentados como seres ativos, cuja capacidade de dar respostas originais aos desafios que enfrentam no seu dia a dia reconfiguraria sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos relacionados à velhice. Recorrer a esses modelos torna-se, assim, chave para compreendermos a velhice no contexto da atualidade. Debert (2012) confirma:

As revisões desses pressupostos apresentam uma série de dados que são fundamentais para pensar na experiência contemporânea. Entretanto, a imagem que projetam é ora de uma sociedade cujas formas de controle se fundamentam cada vez mais na idade cronológica, ora a de que caminhamos para uma situação em que as diferenças de idade tendem a ser apagadas e a velhice é, sobretudo, uma questão de autoconvencimento. (DEBERT, 2012, p.74)

Diante desses pressupostos, depreendemos que a imagem da velhice feminina se constituiu pelo modelo de crenças que compõe o gênero (Butler, 2019), cuja formação é instituída pela estilização do corpo, através de atos descontínuos que promovem uma ilusão de

essência, ou seja, uma identidade construída, uma “performance” executada pelos próprios atores sociais, pessoas comuns. A identidade, aparentemente harmoniosa, forjada pelas instituições, é resultado da repetição contínua dos atos, que Butler (2019) nomeia como atos performáticos: sistemas operativos que consistem nos gestos corporais, movimentos e ações que concorrem para a constituição da identidade de um Eu atribuído de gênero.

O patriarcado ao instituir suas leis promove os efeitos de formação específica de poder, através das categorias fundacionais de gênero, cuja repressão impossibilita enxergá-lo como efeito de instituições, práticas e discursos em que a origem é múltipla e difusa (Butler, 2010). Desta forma, pode-se depreender que o sexismo e a gerontofobia são opressões interseccionadas pela lógica dominante e reproduzidas pelas instituições, como a literatura. A imagem da velhice feminina, circunscrita ao modelo de mulher, na lógica da cultura dominante, por ser homogeneizadora torna equívoca as especificidades inerentes à identidade. Para Butler (2010):

Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2010, p.20)

As sociedades ocidentais foram historicamente dominadas pelos homens, como aponta Beauvoir (1990), afirmando que as mulheres jovens e velhas podiam até disputar a autoridade no âmbito da vida privada, na vida pública, contudo, seu estatuto time o mesmo, eram eternas menores. A condição do homem, ao contrário, modificava-se com o tempo, cumprindo as etapas da vida como jovem, adultos e velhos. Em conformidade com esse contexto, é que a imagem negativa da velhice feminina foi representada pelos poetas latinos, cuja aparência foi expressa de maneira hedionda:

Já que o destino da mulher é ser aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo; do mesmo modo que para certos primitivos, ao sair da condição humana, a mulher expecta um caráter sobrenatural: é uma bruxa, uma feiticeira com poderes sobrenaturais. (BEAUVOIR, 1990, p.152, itálico no original)

A literatura não está apartada da realidade, ao contrário, ela se nutre do contexto, de que é oriunda, refletindo e influenciando a ideologia, na qual está inscrita. A elaboração do texto literário se dá em meio aos valores da sociedade, retratando os padrões de comportamento do patriarcado, como a imagem de docilidade da mulher, bem como sua capacidade de reprodução como uma condição inerente à sua existência e ao seu estar no mundo. Sobre

essa imagem da mulher, geralmente delineada pela literatura, entre os polos, de um lado a mulher-deusa em seus diversos aspectos e do outro a mulher-demônio Rita Schmidt (2017) afirma que:

Idolatrada ou degradada, em seu papel normal ou erótico, estas imagens de mulher estão pautadas numa lógica de composição que aponta para uma curiosa amálgama da mulher desejada e da mulher negada, resultado de um processo complexo de simbolização, que traduz a sublimação dos desejos e impulsos contraditórios que a mulher inspira no homem e que a instalam na posição de outro. (SCHMIDT, 2017 p.42)

A representação negativa da mulher idosa é expressa nos contos transcritos pelos irmãos Grimm que revelam a misoginia da Idade Média através das personagens de mulheres velhas, geralmente como um ser maléfico. "Se alguma vez pratica o bem, é que na verdade, seu corpo não passa de um disfarce - do qual se despoja, aparecendo como uma fada resplandecente de juventude e de beleza" (BEAUVOIR, 1990, p.168).

O estereótipo da mulher velha ora como ser maléfico, ora como feiticeira, capaz de cuidar dos doentes, mas nunca numa posição de altivez, que move respeito, como geralmente as personagens masculinas foram representadas, é explorada na mitologia e no folclore como observa Sônia Mascaro (2004): "a velhice idealizada e prestigiada é representada na maioria das vezes pela imagem do homem idoso, cheio de energia, bondade e sabedoria, enquanto a imagem da velhice feminina é identificada inúmeras vezes com o lado negativo e sombrio da vida" (MASCARO, p.16, 2004). Essa figura negativa é também explorada na literatura brasileira, como podemos constatar, em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, publicado originalmente em 1889. O sentimento que representa a velhice feminina através da personagem Paula, cujos aspectos corporais compõem o discurso do lugar-comum que oblitera a identidade feminina e a subjetividade, evidenciando o preconceito e a discriminação:

uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe Bruxa. (AZEVEDO, 2001, p.75)

Além da personagem Paula, outras representações femininas revelam a postura ideológica, explicitando o lugar social do autor/narrador, ao veicular "uma forma de conhecimento que desconhece a humanidade do outro enquanto outro e que, portanto, se torna cúmplice das relações de poder num sistema binário e hierárquico de classe social, de raça e de gênero" (SCHMIDT, 2017, p.137). Acrescentamos que esse desconhecimento, ou mesmo preconceito, estende-se também à velhice feminina.

Observamos que a imagem da velhice feminina, no século XIX, é também evidenciada na autoria masculina, através do conto 'Uma senhora', de Machado de Assis, cuja representação perpassa pela constatação da velhice como um sentimento de culpa da personagem D. Camila. A velhice é descrita pelo narrador com lamento e justificada pela beleza da personagem que apesar dos seus quarenta e dois anos, aparenta ter bem menos: "A senhora, D. Camila, amou tanto a mocidade e a beleza, que atrasou o seu relógio, a fim de ver se podia fixar esses dois minutos de cristal". (ASSIS, 1993, 119). Descrita como uma dama da alta sociedade carioca, a protagonista, constituída pelos traços físicos de uma beleza, sente-se perplexa diante da perspectiva do envelhecimento em desalinho com o modelo corporal do pensamento da ideologia dominante. Diante do espelho percebe que os cabelos estão ficando brancos:

Tinha visto, sobre a fonte esquerda, um cabelinho branco. Ainda cuidou que fosse do marido; mas reconheceu depressa que não, que era dela mesma, um telegrama da velhice, que aí vinha a marchas forçadas. O primeiro sentimento foi de prostração. D. Camila sentiu faltar-lhe tudo, tudo, viu-se encanecida e acabada no fim de uma semana. (ASSIS, p.1993, p.123).

O autor confirma, através da voz narradora de que modo a imagem do corpo feminino nas instituições, como a literatura de autoria masculina da belle époque brasileira, engendrou-se através do ideal de beleza e juventude: "Dir-me-á o leitor que a beleza vive de si mesma, e que a preocupação do calendário mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. É verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso ritmo?". (ASSIS, 1993, p.127). A preocupação das mulheres enfatizado pelo narrador, confirma as prescrições corporais que obliteraram as particularidades da mulher, restringindo-as a um modelo corporal. Sobre a aparência das mulheres, nas sociedades modernas, Michelle Perrot afirma que:

A mulher é antes de tudo uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições assim como as de tal ou qual parte de seu corpo. O sistema que se opera com os cabelos, por exemplo, condensam a sua sedução. (PERROT, p.50, 2006)

As especificidades, que compõe a condição feminina, são obscurecidas por uma literatura que uniformiza o processo de envelhecimento feminino, colocando no centro da narrativa questões que pouco representam a realidade das mulheres. Cumpre notar, que a escrita de autoria feminina, nessa mesma época enunciava a mulher, a partir das margens, evidenciando as questões femininas de forma particularizada, localizada historicamente, ciente das opressões de classe, raça, gênero e idade que a atravessavam. As estruturas de representação

dos textos de escritoras como Julia Lopes de Almeida, demonstram signos que rearticulam as identidades, diferentes perspectivas de interpretação de pertencimento social que desestabilizam os valores dominantes presentes nas narrativas canônicas, ideais que fundamentaram a ideia de nação constituída através dos imaginários sociais que sedimentaram e ratificaram o poder masculino. A velhice feminina é abordada no entresséculos, através de narrativas que complementam e acrescentam os espaços vazios da história da literatura projetada pelo cânone.

A literatura revela-se também como uma alternativa de resistência e visibilidade para parcela dos idosos do grupo LGBTQIA+, notadamente as pessoas trans, cuja estimativa de vida no Brasil não favorece a expectativa de atingirem a "transvelhice", em razão das inegáveis violações aos seus direitos e à vida digna. Por certo, as verdades desagradáveis - para o gênero humano ao qual pertencemos, ou para nós mesmos - têm maiores possibilidades de conseguir exprimir-se em uma obra literária do que em uma filosófica ou científica.

Essa narrativa mais positiva começo passou a ser qualificada no entanto a medida que o século 21 começou pela crescente atenção da mídia a questão da demência e pelos efeitos da crise econômica o que significa que a perspectiva de uma grande população aposentada muitas vezes figura no imaginário cultural no que Kathleen Woodward (1991) chamou de uma espécie de pânico estatístico como um tsunami cinzento ameaçando sobrecarregar os recursos esgotar as reservas econômicas do trabalho da população. Os gerontologistas em ciências sociais continuam a trabalhar para analisar e melhorar o cuidado, mas os recursos para a sua continuidade muito menos seu desenvolvimento são considerados ameaçados representar ações do envelhecimento tem como resultado desses medos proliferado na mídia sem que estes tenham necessariamente ganhado mais nuances um ponto de virada veio quando o psicanalista Robert Butler ganhou um prêmio Pulitzer por seu livro em 1976 tornando o conceito de "age ismo" (cf. WOODWARD, 1991, p. 73) moeda comum na urgência de encontrar soluções sociais para uma crise no cuidado e uma preocupação correspondente com os direitos e o bem-estar das pessoas idosas tem sido reconhecida há muito tempo nesse contexto torna-se indiscutivelmente mais do que menos importante pensar sobre os aspectos simbólicos do envelhecimento o imaginário cultural que determina a forma como a velhice é percebida e tratada tanto na esfera privada quanto na pública.

Abordagens críticas literárias e narrativas das Humanidades estão portanto encontrando um cada vez mais campo na Gerontologia uma ressalva pode ser oferecida aqui no entanto estudos literários como campo é como Margaret Gullette (1988) escreveu sobre como a própria literatura não fornece respostas para perguntas sobre envelhecimento assim

como não busca ilustrar conceitos gerontológicos o que ele pode fazer no entanto é manter a complexidade crucial do envelhecimento, porque a literatura como seu objeto pode englobar contradições e até mesmo ganhar força estética deles esse dossiê historicamente limitado a refletir essas concepções modernas da idade busca explorar a forma como a literatura representa e crítica as várias histórias paralelas da idade que coexistem no final do século do século se o envelhecimento é definido por indivíduo por diferença é necessário uma disciplina que possa ler o discurso de todos os tipos de perto e nas palavras de Helen Small (2007) revelar a aparente facilidade com que na linguagem habitamos múltiplas muitas vezes contraditórias epistemologias ao mesmo tempo o tempo todo este é um dos aspectos definidores da experiência do envelhecimento e uma das observações norteadoras sobre este dossiê.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. São Paulo: Ática, 1996.
- ALVES, Cristiana da Silva. *Novos Tempos, Vozes Antigas: os narradores velhos na narrativa ficcional brasileira do Século XXI ou de como ficou difícil ouvir os velhos ou de como a ficção enfrenta o tabu da velhice!*. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: BSCSH
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Nova Fronteira, 2018.
- AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 2001.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DEBERT, GUITA. *A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike, and Andrew Wernick. *Images of Ageing: Cultural Representations of Later Life*. Routledge, 1995
- GULLETTE, Margaret. *Safe at Last in the Middle Years: The Midlife Progress Novel*. U of California P, 1988.
- KUNOW, Rüdiger. "The Coming of Age: The Descriptive Organization of Later Life." In: HORNUNG, A. and KUNOW, R. *Representation and Decoration in a Postmodern Age*. Heidelberg: GmbH, 2009, pp. 295–309.
- PERROT, Michelle. "Os silêncios do corpo da mulher". In: PERROT, M. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descenramento/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2017.
- SMALL, Helen. *The Long Life*. Oxford UP, 2007.
- WOODWARD, Kathleen. *Ageing and Its Discontents: Freud and Other Fictions*. Indiana UP, 1991.